

# O QUE DIZ VERDADE PARA HEIDEGGER?<sup>1</sup>

WHAT IS TRUTH FOR HEIDEGGER?

Alexandre Rubenich\*

---

**RESUMO:** Explorar o que Heidegger sustenta junto ao parágrafo 44 de seu *Ser e Tempo* com respeito à questão da verdade em meio ao contexto teórico em que tais intuições nasceram, de modo a poder pensar a verdade como *abertura* ou *ser-descoberto*, e isto a partir da compreensão *existencial-hermenêutica*, que, como tal, se oferece a ele desde o horizonte da investigação do tempo, é que o que presente artigo se propõe. Nesse sentido, avança na análise das postulações do filósofo alemão na conferência *O Conceito de Tempo* (1924), bem como nas preleções oferecidas em *Marburg*, e que antecederam o seu tratado, quais sejam, *Prolegômenos para uma História do Conceito de Tempo* (1925) e *Lógica: a pergunta pela verdade* (1925-26).

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to explore what Heidegger sustains along in paragraph 44 of his *Being and Time* with respect of relating to the truth in a theoretical context in which such intuitions were born, in a way to be capable of pondering the truth as *opening* or as a *discovered-being*, and this starting from the living *hermeneutics understanding*, which, as such, is offered to him since the horizon of time investigation. In this sense, he advances in the analysis of the postulations of the German philosopher in *The concept of time* conference (1924), as well as in the lectures offered in *Marburg*, and which preceded his treaty, whichever they are, *Prolegomena for a Concept of Time Story* (1925) and *Logic: the question for the truth* (1925-26).

**PALAVRAS-CHAVE:** Verdade. Linguagem. Hermenêutica.

**KEY WORDS:** Truth. Language. Hermeneutics.

---

## I – Introdução

Se, por um lado, no parágrafo 44 de *Ser e Tempo* nos confrontamos com uma decisiva interpretação do conceito de verdade, não mais solícita aos apelos de uma metafísica que encontra no problema do conhecimento o vislumbre de sua possível solução, qual seja, abarcar a realidade exterior [*res*] tal como ela se apresenta a nós desde a nossa interioridade [*intellectus*], mas que procura deixar ver que esta interpretação é interpretação derivada da

---

<sup>1</sup> Este texto faz parte dos resultados da comunicação realizada no I Seminário Regional dos alunos de Pós-Graduação em filosofia, tendo como título original: O que diz verdade para Heidegger? Apontamentos para a compreensão do parágrafo 44 de *Ser e Tempo*.

\* Mestrando em Filosofia-UNISINOS/Capes. Contato: alexandrerrubenich@hotmail.com

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 116-123
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

verdade em sentido *existencial-hermenêutico*, lida, por Heidegger, como *desvelamento* ou *ser-descoberto*, por outro lado, trata-se, aqui, de encontrar, junto aos *Prolegômenos para uma História do Conceito de Tempo*, preleção oferecida no semestre de verão de 1925, na Universidade de *Marburg*, um dos lugares privilegiados onde articula-se o seu arcabouço teórico. Em outras palavras, o que pretendemos investigar é o *como* em que se implicam verdade e tempo, ou melhor, o *como* em que se dá a co-originariedade do desvelamento de mundo e do mundo presente.

## II – Tempo e existência

O parágrafo inicial da parte principal dos *Prolegômenos para uma História do Conceito de Tempo* retoma o que se conquistara em sua parte introdutória e aponta para a tarefa que se seguirá na preleção. Como o próprio Heidegger (2006) diz, não se trata de algo que não esteja conectado à questão própria da fenomenologia, a saber, seu campo temático (a intencionalidade), mas de, em radicalizando seu tema e reconhecendo às duas *omissões* que se vislumbraram no seu interior – a questão do ser e a questão do sentido do ser (do intencional), *recuperar* o solo fenomenal em que tais questões se deixaram formular pela primeira vez, de modo grego, o que aqui quer significar *repetir*, de modo originário, a orientação para o ser através do tempo que se diz *presente*. Para Heidegger (2006), assim, é por intermédio da elaboração desse sentido prévio que se poderá, então, chegar a superar o sentido do *a priori*, pensado, na tradição, como o já sempre presente, e isto com referência ao ser em seu sentido grego - *ousia* (vigência), bem como a lógica, que orienta-se através da experiência deste mesmo ser enquanto apreensão do geral, generalização, universalidade, espécie, *eidós*. Com efeito, a questão do ser e a pergunta pelo seu sentido, que, segundo Heidegger (2006), somente podem ser elaboradas com base em uma analítica existencial, porquanto é o ser-aí o ente que diz o ser de modo determinado, é que devem mesmo poder corresponder à questão do tempo. Heidegger (2006), portanto, ao pensar o fenômeno em sentido fenomenológico como aquilo que se vela em todo desvelar, ao pensar o ser *como* fenômeno, dirá ser este justamente o *tempo* de uma compreensão, o seu *maturar*. É desse modo que o *ser*, tornado fenômeno (tempo), pode ser compreendido em seu sentido (*presença-presente*), ou seja, mediante o ente que diz o ser renovadamente através do exercício do *lógos*, ou, em palavra distinta, na experiência singular em que mundo e homem se relacionam no âmbito da

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 116-123
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

linguagem, de modo tal que seu ser é mesmo um ser-no-mundo (*In-der-welt-sein*), pensado como *cuidado* (*Sorge*).

Com efeito, é exemplar que em comunicação oferecida em 1924 na Universidade de Marburg e intitulada *O Conceito de Tempo*, Heidegger possa justamente apresentar esta correlação entre o ser e o tempo por intermédio da pergunta pelo *como* o ser se dá. Para tanto, desenvolve amplamente a discussão em torno do conceito tradicional do tempo, tomado como medida do *agora*, cuja serventia é orientar o ser-aí em seu cotidiano, de modo a ir para trás do conceito, a fim de abarcá-lo de maneira privilegiada (leia-se: em um acesso privilegiado). É aqui que se visualiza, portanto, o *como* em que o tempo é interpretado pelo ser-aí, de forma que Heidegger possa articular, então, a pergunta não mais pelo *o que é tempo*, mas sim, a pergunta guia: *quem é o tempo?* De igual forma, em sua preleção *Lógica: a pergunta pela verdade* (1925-26), é fundamental o esclarecimento que o filósofo propõe sobre a diferença entre o caráter temporal do tempo, que fala, pois, do transcurso do ser-no-tempo, daquele caráter temporário, que ele quer conquistar em seu *a priori* e que o remete, pois, diretamente à dimensão da existência, e, portanto, não mais para junto às coisas mundanas ou naturais. Com efeito, se o ser do ser-aí sustenta-se em seu ser-possível, e se este ser-possível, como anuncia o parágrafo 44 de *Ser e Tempo*, é abertura, e abertura, por sua vez, é a verdade em sentido *existencial-hermenêutico*, encontra-se, aqui, a articulação entre ser e verdade.

### III- O conhecimento como caráter derivado da constituição fundamental ser-no-mundo

Heidegger, ao iniciar o parágrafo 20 de sua preleção *Prolegômenos para uma História do Conceito de Tempo*, parte do lugar comum em que descansa o problema do conhecimento, a saber: como um sujeito aqui pode alcançar o objeto que está lá junto ao mundo, de maneira que o conhecimento possa ser verdadeiro, ou seja, que a sua representação (*in mente*) *corresponda* à realidade exterior? Para o filósofo alemão, isto que serve de garantia à tradição para que haja conhecimento, ou, o que dá no mesmo, o que permite que possamos conhecer o mundo em sua objetividade, de forma a permitir sua classificação em meio a figuras de predicação, é o fato de sermos aquela coisa-homem que possui o conhecer em seu “interior”. É deste estado de coisas que nasce a caracterização do conhecimento como relação entre sujeito e objeto, assim como é a partir daqui que se toma o homem que conhece e o ente conhecido como algo simplesmente dado entre a totalidade de entes simplesmente dados. De

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 116-123
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

um só golpe temos, então, de um lado, o mundo (exterior) reduzido à natureza, e, de outro, o homem (interior) reduzido à sua *animalitas*, de forma que, agora, para os metafísicos, trata-se de *saber* como se estabelece a relação entre exterior e interior. Mas Heidegger (2006) é bastante atento para perceber que esta pergunta levanta um problema formulado erroneamente. Para ele, então, trata-se de vislumbrar *às coisas elas mesmas* tal como requer a fenomenologia em seu sentido fenomenológico: tornar manifesto que aquilo que não se mostra jamais (o ser) é solo fenomenal onde descansa o que sempre se mostra (os entes). Para tanto, faz-se imprescindível *ver* que o conhecimento não é a constituição primária do ser-aí a lhe permitir o relacionar-se com o mundo, mas que o mundo acontece para o ser-aí, ou seja, que há *abertura* de mundo somente na medida em que ele existe como ser-no-mundo (*In-der-welt-sein*): mundo só há porque o ser-aí é o *lugar* em que o ser pode se dar mediante o encontro (*begegnen*), e isto por intermédio de um excesso de significação (intuição categorial). O mundo, assim, somente torna-se conhecido para o ser-aí, porque, e somente porque, ele se depara com os entes que lhe vem ao encontro, de forma que neste encontro *dá-se* ser e *acontece* mundo. Após o mundo acontecer em compreensão, visto que dele nos ocupamos, o conhecimento, dadas às suas condições necessárias, torna-se, enfim, possível.

Em atenção ao exposto acima, temos que o caráter de *ser-descoberto* do mundo se deve tão somente ao ser-aí, que em seu sendo, já sempre possui o mundo como sua possibilidade mais própria de ser. O fenômeno de mundo se mostra, então, segundo Heidegger (2006), como um deixar-se descobrir do mundo no ocupar-se dele, ou seja, é por intermédio de uma atuação não-teórica que o ser-aí compreensivamente descobre mundo e o interpreta *como algo*.

#### **IV- A dupla remissão da compreensão do ser *como* tempo: verdade e mundo**

Conforme considera Heidegger (2006) em seus *Prolegômenos*, o mundo somente se dá em seu caráter objetual enquanto conhecimento quando nos deparamos com certo descompasso em nosso afinamento existencial (estado de ânimo) para com o mundo. O descompasso, então, surge, porquanto a esta totalidade, que é o mundo, vem *faltar* algo. De acordo com o filósofo, o fenômeno de mundo, interpretado de maneira dupla (*Zuhandenheit* ou *Vorhandenheit*), somente se *mostra* quando as coisas do mundo, que num primeiro momento estão todas à disposição para uma possível ocupação (*Besorgen*), num segundo

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 116-123
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

momento passam a chamar a nossa atenção por intermédio da *ausência* de algo que vem *faltar* na totalidade mundo, de forma que *presentificamos* o mundo em um modo derivado, isto é, tornamos ele presente, mas agora de modo tal que nos orientamos por uma *presença* em que o ser é, definitivamente, encoberto pelos entes. A *ausência* de algo frente ao que se vivenciava fenomenologicamente enquanto uma *presença constante não atendida*, abre-nos, de todo modo, a possibilidade de *conhecemos* o mundo em uma objetividade em que o *manual*, enquanto compreensão primária, não nos dá mais o mundo em sentido privilegiado em seu contexto de descoberta. Ao invés disso, o simplesmente dar-se dos entes que assumem a apresentação do mundo em uma explicitação, desmundaniza o mundo, dirá Heidegger (2006), tornando-o, enfim, uma coisa natural passível de ser conhecido em sua *extensio*.

A par disso, é interessante observar que Heidegger (2006), ao falar do fenômeno de mundo, faz menção a uma totalidade de remissões, de forma que não temos acesso ao mundo senão mediante o seu dar-se em *conjunto* das coisas, e não através da soma de tais coisas que estão no mundo. Assim, não percebemos primeiramente as coisas em seu aparecer, para depois termos acesso ao mundo, mas, de modo contrário, é justamente porque já abrimos o mundo em sua totalidade que podemos, então, perceber as coisas. A abertura de mundo que se dá para o ser-aí no *encontro* (*begegnen*) acontece, em suma, em meio a uma *familiaridade*. O *in do ser-em* (*In-sein*), conforme sustenta Heidegger (2006), nos fala justamente deste caráter estrutural, onde o ser-aí e o mundo *são* co-descobertos. A *familiaridade* com que nos *ocupamos* do que vem ao nosso encontro, informa, pois, que, de saída e de imediato, o ser-aí já está *orientado* para o sentido do ser em que o mundo se dá *como presença*. É por isso que para Heidegger, diferentemente de Husserl, não é preciso que tenhamos consciência, para que possamos ter mundo. Muito pelo contrário, mundo, no sentido que Heidegger quer dar aqui, é muito mais mundanizado quanto menos consciência possuímos dele. O outro modo de compreensão, derivado, e que se nos dá quando passamos a conhecer mundo e a explicitá-lo no exercício do *lógos*, equivalerá, para Heidegger (2002), ao *lógos apofântico*, onde se demonstra o que se fala numa proposição, de forma a guardar o ente assim descoberto naquilo que se diz. Ora, também aqui encontramos uma importante indicação do que vem formulado por Heidegger (2004), posteriormente, na preleção que se segue aos *Prolegômenos* e que, como tal, diz que o enunciar, no sentido do apofântico, possui o caráter de mostrar algo presente, de forma que o seu “é” não possui uma função de cópula, mas é indício hermenêutico de sua função fundamental de fazer ver o comparecimento do ente, de sorte que

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 116-123
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

o enunciado expressado *custodia* (guarda) em si o descobrimento do ente. A compreensão *existencial-hermenêutica* na qual se articula a verdade em sentido originário grego, significando *descoberta* do ser-aí para consigo mesmo e para com o mundo, possibilita ao ser-aí o *cuidado* (*Sorge*), articulado, pois, desde uma *preocupação procuradora*, como quer Heidegger em sua *Lógica*.

## V- Constituição de mundo e velamento do ser: o problema da linguagem

O problema da linguagem apresentado pelo filósofo alemão em seu tratado e que, segundo Figal (2005), Heidegger nos permite conhecer já na parte introdutória do seu *Ser e Tempo*, visto que pretende dar conta dos atrelamentos lingüísticos que entulham o ser em seu fenômeno, demonstram que não é por acaso que, precisamente nesse contexto, vem apresentado a discussão em torno da *fenomenologia*, articulada desde o horizonte das duas palavras gregas que a compõe, a saber, *lógos* e *phainómenon*. Nesses termos, discurso, que é sempre discurso *sobre algo*, sustentará Heidegger (2006) em seus *Prolegômenos*, é interpretação, que, diferente da compreensão, serve para *realçar* a remissão ao *para-quê* de uma coisa. Tendo isso em vista, a interpretação, que, por sua vez, é a realização da compreensão, e o discurso, que é a explicitação significativa da interpretação, estão relacionados fenomenologicamente, de forma que somente somos capazes de fala porque, de saída e de imediato, somos capazes também de escutar. Esta escuta, porém, não reduzida aos órgãos que a capacitam, é já sempre escuta do sentido, que, como tal, nos exige estar sempre orientados para o ser em sua compreensão.

Bem, de acordo ainda com Heidegger (2006), o fenômeno que devemos ser capazes de *ver* aqui em articulação com a questão da constituição de mundo é o da significação, porquanto nos fala, justamente, da estrutura do ser do mundo. Tal estrutura de ser que permite *acontecer* mundo significativamente deve ser compreendida como um modo da *presença*, na qual todo ente se acha descoberto *como* um estar presente. Portanto, para Heidegger (2006), é a manifestação do significar que constitui a significatividade do mundo *como presença*; é a possibilidade que o ser-aí, em compreendendo ser, possui de trazer à palavra o ser, que permite a ele *mostrar* sua *descoberta* de mundo de maneira significativa, ou seja, de tornar o mundo *presente* para si mesmo e para outrem. O mundo, assim, articula-se com uma determinada compreensão do tempo, de modo que, no agora, algo vem ao encontro, algo

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 116-123
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

aparece. Contudo, a este aparecimento, no agora, de algo presente, Heidegger (2004) vislumbrará a dimensão da *presença*, correspondendo à *ousia*. Em oposição a este sentido do ser, Heidegger topa com o ente exemplar, que, existindo, faz compreensão de ser, e nos dá acesso à estrutura que, de saída, *tem-que-ser* (*Zu-sein*) e *ser-em* (*In-sein*). O ser-aí, nesse sentido, é o “aqui” do mundo, é o *lugar* (*da*) em que o mundo comparece no *acontecimento* do ser *como* algo presente. Somente porque o ser-aí é o ente que, para ser, tem que existir em meio ao sentido, ou seja, precisa significar mundo, a fim de que o mundo compareça ao modo da *presença*, isto é, seja, de saída, discurso, somente por isso é que acontece linguagem. De igual forma, é somente porque o discurso se dá como comunicação para com os outros é que ele acaba tendo um caráter de discussão, de debate, de forma que, para os gregos, chegaria a dizer discussão teórica, no sentido de *mostrar* (justificar) o que está sendo dito em meio aos argumentos que o fundamentam. Em sua *Lógica: a pergunta pela verdade* o filósofo irá justamente procurar descer ao tempo do nascimento do conceito do *lógos*, a fim de explorá-lo em sua relação com a verdade. É lá que encontramos um aprofundado estudo sobre o enunciado, a fim de nos levar à compreensão de que este, antes de possuir o sentido do *ser-verdadeiro*, fala, de saída, do mundo em seu contexto de descoberta, o que indica, pois, uma compreensão prévia, que, como tal, não possui a função de mostrar algo presente, e sim de compreender a existência. É no horizonte deste tipo de enunciado que Heidegger localiza, pois, o que permanecera oculto para os olhos dos gregos, a saber, que há uma diferença essencial entre o enunciado que se refere a um pôr categorial (excesso de significação – intuição categorial), que fala da existência e do ser, e o enunciado que apenas se refere a algo mundano, a algo presente: é ao primeiro tipo de enunciado que corresponde todo *hermeneuim*.

## VI - Conclusão

Por intermédio do estudo ora apresentado tivemos acesso a uma importante chave de leitura para a compreensão da questão da verdade assim como ela aparece no parágrafo 44 de *Ser e Tempo*. A verdade lida, naquele lugar, como *ser-descoberto*, articulou-se, pois, para o filósofo, como aparece confirmado na leitura dos *Prolegômenos para uma História do Conceito de Tempo*, com a interpretação do fenômeno de mundo, de forma que o ser-aí se mostrara para ele como o *lugar* em que o ser pode se dar *como* mundo. Dessa forma, o que Heidegger nos permitiu *ver* mediante uma interpretação fenomenológica foi o fenômeno de

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 116-123
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

uma dupla redução a ocorrer no âmbito do sentido do mundo e do ser-aí, interpretados pela tradição, respectivamente, como natureza e animal racional. Essa dupla redução que vem produzida por conta da história do ser-aí em meio ao destino do ser, e que a tradição metafísica, por sua vez, ao não compreender a estrutura ser-no-mundo (*In-der-welt-sein*), tampouco fora capaz de pensá-la em sua unidade fenomenal, de sorte que deve perguntar sempre pelo *como* é possível haver o ser-verdadeiro do *lógos*, é a mesma que, segundo Heidegger, fora responsável pelo entulhamento do ser. É nesse sentido também que o filósofo a responsabiliza por dificultar a visão para nós de que verdade e mundo, ser e tempo, são fenômenos em sentido fenomenológico, e que, como tais, se *mostram* na *existência* finita do ser-aí *como* a história própria do seu *ser-possível*, ou seja, como indicação hermenêutica de sua *unidade* prévia existencial.

### Referências

- FIGAL, Günter. *Fenomenologia da Liberdade*. Traduzido por Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo: Parte I*. 9ª ed. Traduzido por Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Prolegómenos para una Historia del Concepto de Tiempo*. Traduzido por Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Lógica: la pregunta por la verdad*. Traduzido por Joaquim Cosculluela. Madrid: Alianza, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Chahier de l' herne Heidegger*. Le concept de temps. Paris: l'Herne, 1983.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 116-123
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------